

REAÇÃO LATINO-AMERICANA

Montevideu — A desvalorização do real no Brasil despertou temor e preocupação no restante da América Latina, onde vários países adotaram o mesmo caminho.

As divisas do México, Peru e Colômbia foram as mais depreciadas depois da desvalorização de 20% do real, em seguida à decisão do governo brasileiro de ampliar a banda de flutuação da moeda numa primeira instância e de deixá-la flutuar livremente depois.

Entre segunda-feira e sexta-feira desta semana, o peso mexicano sofreu desvalorização de 6,1%, o novo sol, de 3,6% e o peso colombiano, de 3,9%.

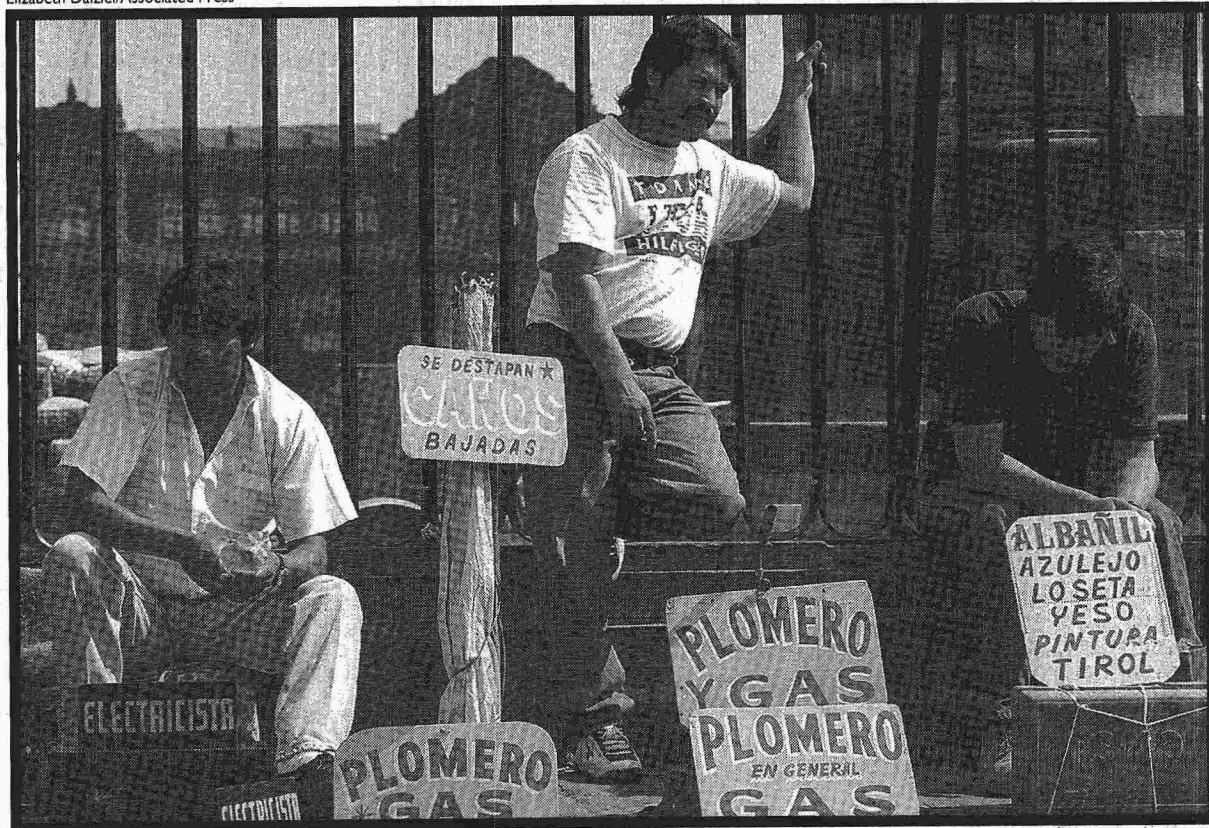
Na Colômbia, o peso já foi desvalorizado em 9% em meados do ano passado. Em 1998, também o Equador e a Venezuela se viram obrigados a desvalorizar suas moedas para enfrentar os efeitos da crise asiática.

A decisão de deixar flutuar a cotação do real poderá ocasionar dificuldades às outras moedas latino-americanas, admitiu ontem o ministro da Fazenda colombiano, Juan Camilo Restrepo.

“Tomara que estas decisões no Brasil não provoquem um cadeia de desvalorizações bruscas como ocorreu no México, em 1995”, disse Restrepo antes de assistir à primeira reunião do Central Banco de la República este ano, que discutirá as pressões que a crise do real criou sobre o peso colombiano.

“Para a Colômbia e toda a América Latina, os contratemplos brasileiros significam que a todo o continente se junta numa grande dose de incerteza financeira. O Brasil é tão grande e tão importante que qualquer coisa que aconteça ali nos

Elizabeth Dalziel/Associated Press



Mexicanos recorrem ao mercado informal: reflexo da crise de 1995, que reduziu oferta de empregos no país

afeta”, explicou o ministro.

O presidente mexicano, Ernesto Zedillo, que está na Costa Rica, afirmou que os países da América Latina “devem assumir a globalização financeira” mediante economias abertas que fomentem um crescimento com justiça social.

Na Bolívia, as autoridades econômicas e monetárias acalmaram os ânimos. “O país não será muito afetado, devido ao reduzido comércio com o país vizinho”, confirmou o presidente do Banco Central da Bolívia, Juan Antonio Morales.

O presidente do Uruguai, Julio Sanguinetti, fez um apelo para que

se mantenha a calma no mercado de seu país diante da crise financeira que afeta o Brasil, seu principal sócio comercial. Ele demonstrou confiança na solidez da economia uruguaia, que tem reservas para “comprar duas vezes a emissão das próprias moedas”.

Em entrevista à imprensa na estância presidencial San Juan de Anchorena, onde descansa, Sanguinetti disse que está “preocupado, mas não alarmado. Mais do que nunca, devemos persistir em nossa linha de estabilidade”.

Ele explicou que, “no momento, não penso em adotar nenhuma

medida; estamos acompanhando os acontecimentos e pensamos que o que parece ser uma desvantagem competitiva da desvalorização pode ser absorvido em pouco tempo, passando a representar, simplesmente, um fator conjuntural”.

Sanguinetti revelou que ontem de manhã conversou por telefone com Fernando Henrique Cardoso, que “tomou uma medida audaz, que foi a de se retirar do mercado cambial para deixar a moeda flutuar”. O Brasil representa mais de um terço do comércio externo do Uruguai. No ano passado, as vendas uruguaias atingiram US\$ 1 bilhão.